

José Eduardo Agualusa

A Substância do Amor e Outras Crônicas



QUETZAL Obras de José Eduardo Agualusa

FICÇÕES

Borges no Inferno



Para a Alexandra Lucas Coelho

JORGE LUIS BORGES SOUBE QUE TINHA MORRIDO quando, tendo fechado os olhos para melhor escutar o longínquo rumor da noite crescendo sobre Genebra, começou a ver. Distinguiu primeiro uma luz vermelha, muito intensa, e compreendeu que era o fulgor do sol filtrado pelas suas pálpebras. Abriu os olhos, inclinou o rosto, e viu uma fileira de densas sombras verdes. Estava estendido de costas numa plantação de bananeiras. Aquilo deixou-o de mau humor. Bananeiras?! Ele sempre imaginara o Paraíso como uma enorme biblioteca: uma sucessão interminável de corredores, escadas e outros corredores, ainda mais escadas e novos corredores, e todos eles com livros empilhados até ao teto.

Levantou-se. Endireitou-se com dificuldade, sentindo-se desconfortável dentro do próprio corpo subitamente rejuvenescido (quando morremos reencarnamos jovens e Borges já não se recordava de como isso era). Caminhou devagar entre as bananeiras. Parecia-lhe pouco provável encontrar ali alguém conhecido, ou seja, alguém de quem tivesse lido algo. Ou alguém sobre quem tivesse lido algo.

Nesse caso seria alguém um pouco menos conhecido, ou um pouco menos alguém, ou ambas as coisas.

A plantação prolongava-se por toda a eternidade. Uma dúvida começou a atormentá-lo: talvez estivesse, afinal, não no Paraíso, mas no Inferno. Para onde quer que olhasse só avistava as largas folhas verdes, os pesados cachos amarelos, e sobre essa idêntica paisagem um céu imensamente azul. Borges lamentava a ausência de livros. Se ali ao menos existissem tigres — tigres metafóricos, claro, com um alfabeto secreto gravado nas manchas do dorso —, se houvesse algures um labirinto, ou uma esquina cor-de-rosa (bastava-lhe a esquina), mas não: só avistava bananeiras, bananeiras, ainda bananeiras. Bananeiras a perder de vista.

Percorreu sem cansaço, mas com crescente fastio, a infinita plantação. Era como se andasse em círculos. Era como se não andasse. Fazia-lhe falta a cegueira. Cego, o que não via tinha mais cores do que aquilo — além do mistério, claro. Como é que um homem morre na Suíça e ressuscita para a vida eterna entre bananeiras?

Borges não gostava da América Latina. A Argentina, como se sabe, é um país europeu (ou quase) que por desgraça faz fronteira com o Brasil, Chile, Uruguai e Paraguai. Para Borges aquele «quase» foi sempre um espinho cravado no fundo da alma. Isso e a vizinhança. Os índios ainda ele tolerava. Tinham fornecido bons motivos para a literatura e além disso estavam mortos. O pior eram os negros e os mestiços, gente capaz de transformar o grande drama da vida — da vida, meu Deus! — numa festa ruidosa. Borges sentia-se europeu. Gostava de ler os clássicos gregos (gostaria de os ter lido em grego). Gostava do silêncio poderoso das velhas catedrais.

Foi então que a viu. À sua frente uma mulher flutuava, pálida e nua, sobre as bananeiras. A mulher dormia, com o

rosto voltado para o Sol e as mãos pousadas sobre os seios, e era belíssima, mas isso para Borges não tinha grande importância (a especialidade dele fora sempre os tigres). Horrificado compreendeu o equívoco. Deus confundira-o com outro escritor latino-americano. Aquele paraíso fora construído, só podia ter sido construído, a pensar em Gabriel García Márquez.

Jorge Luis Borges sentou-se sobre a terra húmida. Levantou o braço, colheu uma banana, descascou-a e comeu-a. Pensou em Gabriel García Márquez e voltou a experimentar o intolerável tormento da inveja. Um dia o escritor colombiano fechará os olhos, para melhor escutar o rumor longínquo da noite, e quando os reabrir estará deitado de costas sobre o lajedo frio de uma biblioteca. Caminhará pelos corredores, subirá escadas, atravessará outros corredores, ainda mais escadas e novos corredores, e em todos eles encontrará livros, milhares, milhões de livros. Um labirinto infinito, forrado de estantes até ao teto, e nessas estantes todos os livros escritos e por escrever, todas as combinações possíveis de palavras em todas as línguas dos homens.

Jorge Luis Borges descascou outra banana e nesse momento um sorriso — ou algo como um sorriso — iluminou-lhe o rosto. Começava a adivinhar naquele equívoco cruel um inesperado sentido: sendo certo que o Paraíso do outro era agora o Inferno dele, então o Paraíso dele haveria de ser, certamente, o Inferno do outro.

Borges terminou de descascar a banana e comeu-a. Era boa. Era um bom Inferno, aquele.

Uma água escura

FUI EU A COMEÇAR O JOGO. Escolhi o sujeito sentado junto à janela, um jovem pálido, estremunhado, óculos de aros grossos. Vestia de preto, mas não como se fosse para um enterro (é o que se diz de alguém vestido de preto): parecia antes que estava a fugir de um enterro.

— Chama-se Cândido Mosso Rabin — expliquei a Valéria —, estuda filosofia, e vai a Lisboa, de férias, porque quer conhecer a cidade onde viveu Fernando Pessoa.

Valéria aceitou o desafio:

— Certo. Ele próprio escreve poesia. Mas como conseguiu o dinheiro para a viagem?

Ajuda muito, a quem lança o jogo, se a personagem estiver a ler. Cândido Mosso Rabin, por exemplo, tinha nas mãos o *Livro do Desassossego*, organizado por Richard Zenith, na edição brasileira, muito cuidada, da Companhia das Letras. Não era difícil supor que quisesse conhecer a Rua dos Douradores, passear, com o seu Fernando Pessoa debaixo do braço, pela «Rua do Arsenal, a Rua da Alfândega, o prolongamento das ruas tristes que alastram para leste desde que a Alfândega cessa».

A pergunta de Valéria, porém, fez-me pensar um pouco. Como é que Cândido tinha arranjado o dinheiro para a viagem?

— Ele trabalha à noite num bar, a servir à mesa, provavelmente um lugar frequentado por artistas, poetas, jornalistas. Cândido é um tipo tímido, reservado, embora gentil, que não participa nas conversas. Os frequentadores do bar acham-no um tanto misterioso.

Valéria entusiasmou-se:

— Não, não foi com o dinheiro ganho no bar que ele conseguiu a passagem para Lisboa. Eu conto como foi: uma noite Cândido conheceu um viajante. O homem era simpático, gostava de uma boa conversa, passava pelo bar todas as noites, bebia uma cerveja, bebia outra, e ia-se embora. Uma ocasião ficou até mais tarde. Já havia poucos clientes quando o Viajante ofereceu uma bebida a Cândido. Quis saber se ele também trabalhava ali durante o dia, onde morava, e finalmente perguntou-lhe se não gostaria de visitar Lisboa.

Pensei que Valéria pretendia enredar-me numa história de amor. Infelizmente, era algo ainda mais óbvio:

— O Viajante pertencia a uma rede de tráfico de cocaína para a Europa e queria utilizar Cândido como correio. Achava que a Polícia nunca desconfiaria de alguém assim, um pobre sujeito com ar de seminarista, estudante de filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com a mala cheia de papéis, jornais, livros de poesia.

Senti-me defraudado:

— O Cândido, um passador? Por amor de Deus, Valéria! Olha bem para o tipo: está ali, muito sentadinho, assustado com os devaneios de um ajudante de guarda-livros. Aquilo, para ele, é um romance de cavalaria.

Valéria ficou ofendida com a observação, discutimos, saltamos do jovem Cândido para rancores mais remotos e assim estragamos o resto da viagem. Chovia quando o avião pousou em Lisboa. Abriram as portas, vieram as escadas e descemos debaixo de uma água escura. Enquanto recolhíamos as bagagens vi Cândido, apertado no seu casaco funesto, passar por nós em direção à saída.

A placa dizia: «Nada a declarar.» Nada tínhamos a declarar. O funcionário da alfândega, porém, olhou para mim, olhou para a minha amiga, abanou a cabeça com um ar de enfado, e fez-nos passar para a salinha ao lado. Cândido Mosso Rabin também estava lá, ainda mais pálido, piscando os olhos espantados por detrás das lentes grossas. Parecia que o tinham acordado, aos safanões, naquele preciso instante. O polícia colocou a mala dele num pequeno estrado, apalpou-a, como um médico examinando um cadáver, e abriu-a. Vasculhou entre os livros, entre as pilhas de roupa, tirou uma pequena caixa de metal, desenroscou a tampa e eu vi (vimos todos) o pó, muito branco, brilhando angustiado na penumbra.

Valéria beliscou-me o ombro: «Ganhei!» O polícia sorriu (a serpente a sorrir para o passarinho):

— E então, senhor David, você vai-me dizer o que é isto?

O jovem olhou-o com o cansaço dos vencidos:

— É o meu pai.

Mostrou um papel cheio de carimbos e assinaturas. Era realmente o pai dele, falecido em Petrópolis, incinerado em São Paulo, e que ao fim de cinquenta anos regressava a Lisboa.

Merde d'artiste

OS OBJETOS DE PLÁSTICO TINHAM SIDO RECOLHIDOS — explicava o catálogo — em diversas praias da Grã-Bretanha, e estavam dispostos cuidadosamente em círculo no chão da galeria. Barata olhou para a obra e riu-se alto. Ele ri-se sempre nas exposições de arte moderna.

(«Rio-me às gargalhadas para ninguém pensar que levo aquilo a sério. A arte contemporânea é uma farsa. Esses tipos, os tais artistas, nem sequer são verdadeiros malucos, estão simplesmente a fazer troça de nós». Punha-se a citar exemplos, a começar pelo italiano Piero Manzoni, precursor da chamada arte conceptual, que nos anos 60 mostrou uma série de caixinhas, assinadas e datadas, com o título *Merde d'Artiste*. A partir dessa altura, a arte, para Barata, foi-se degradando cada vez mais. Apesar disso, o meu amigo frequenta as galerias: «Vou a todas as exposições para me indignar. A indignação é um purgante do espírito.»)

Barata, portanto, riu-se, e em seguida debruçou-se sobre a instalação para melhor se indignar. Foi com esse gesto que começou a sua desgraça: o telemóvel deslizou-lhe do bolso do casaco e caiu no meio da, digamos assim, obra de arte. Ficava bem ali, um aparelho bonito, azul metálico,

pouco maior que um cartão de crédito. Barata estendeu a mão para o recuperar mas o guarda impediu-o:

— Atenção, o senhor, o senhor mesmo! É proibido mexer nas obras expostas.

Barata endireitou-se, endireitou o casaco, e tentou explicar o acontecido:

— Está a ver o telemóvel? É meu...

O guarda, um homem de físico poderoso, muito sério, muito apertado na sua farda de general de folguedo, olhou-o com severidade:

— Vossa Excelência, já se vê, não gosta de arte moderna. Está no seu direito. Mas não vou permitir que incomode os outros visitantes. Faça o favor de sair.

Sair? Conheço pessoas que se deixariam assassinar apenas por delicadeza; não é o caso de Barata, certamente, mas seria exagerado considerá-lo um arruaceiro. Geralmente evita envolver-se em discussões. Porém — que diabo! —, tratava-se do seu telemóvel. O meu amigo não podia deixar a coisa assim:

— Tem razão, não gosto de arte moderna, odeio arte moderna, e não devia ter entrado aqui. Mas o telemóvel é meu. Não faz parte disso, dessa porcaria, e eu vou levá-lo comigo.

O guarda inflamou-se. Estava preparado para aquilo. Há muitos anos que imaginava o que faria numa situação semelhante. Preso entre quatro paredes, lutando para não succumbir ao torpor insuportável das longas tardes de verão, deixava-se facilmente transportar pela fantasia. Recortava e colecionava todas as notícias sobre atentados contra obras de arte. Roubos também o interessavam, mas menos. A ele o que o fascinava eram os iconoclastas: o tipo que lançou um frasco de tinta sobre a Gioconda; o sujeito que acrescentou a

marca da própria mão a uma tela de Tàpies. E agora ali estava o inimigo à sua frente — um bárbaro, um huno, quem sabe, um anarquista! Agarrou Barata por um braço e preparava-se para o expulsar da galeria, a pontapé, quando o telemóvel tocou. Naquela altura já havia pelo menos uma dezena de pessoas a assistir à cena.

— Deixe-me atender — pediu Barata.

O guarda atirou-o contra a parede:

— Ajoelhe-se e ponha as mãos na cabeça!

Barata, assustado, fez o que ele queria. O guarda atendeu o telemóvel:

— Barata?! Qual Barata?...

O meu amigo, sempre de joelhos, voltou-se triunfante na direção do homem:

— Está a ver? É para mim, Barata, sou eu o Barata.

As pessoas não sabiam o que fazer. «É uma performance», explicou um jovem loiro, de óculos redondos, com um sorriso superior. Uma senhora começou a aplaudir. Toda a gente aplaudiu. Barata levantou-se, arrancou o telefone das mãos do guarda e desapareceu, porta fora. É provável que aquele tenha sido o seu grande momento de glória. Ele próprio, no entanto, acha que nunca foi tão humilhado. Confundirem-no assim, em público, com um ator de performances, a bem dizer, *merde d'artiste?*

Sei lá, talvez tenha razão.

O assalto

JULIANA PAROU O CARRO NO SINAL VERMELHO. O que é que estava a pensar naquele momento? Nos dias seguintes só isso a afligia. Ela assegura que tinha acabado de descobrir alguma coisa muito importante. Mas, como se achava meio adormecida — depois de doze horas de trabalho na urgência do hospital —, o mais provável é que não tivesse importância nenhuma.

(Uma noite sonhei que um gato, grande como um boi, me segredava um verso. No meu sonho era um verso extraordinário. Tudo o que tinha escrito antes, desde os meus vinte anos, não valia aquele verso. Tentei acordar. Acreditei que me levantava, várias vezes, para logo descobrir que continuava mergulhado nas águas fundas do sono. Finalmente consegui abrir os olhos, sentei-me na cama, encontrei uma esferográfica na mesa-de-cabeceira e rabisquei o verso na capa de um livro — *The Big Sea*, de Langston Hughes. Acordei na manhã seguinte com a boca amarga e o sentimento inquietante de que alguma coisa de assombroso havia acontecido. Lembrava-me do sonho, do gato pastando num prado imensamente verde, mas não do verso. Felizmente, pensei, tinha-o escrito. Agarrei no livro e li: «O dia estava tão cheio de cebolas.»)

Regresso àquele instante em que Juliana, agarrando-se ao volante com a força do desespero, para que não a arrastasse a correnteza do sono, parou o carro no sinal vermelho. Pensaria, talvez, em cebolas. Ou não: podemos aceitar que, como ela insiste, havia descoberto algo de transcendente. Não o saberemos nunca. A porta direita abriu-se e um garoto dos seus quinze anos, com o corpo volátil de uma bailarina clássica, entrou no carro. Quando Juliana percebeu havia mais dois rapazes no banco de trás.

A madrugada espreguiçava-se sobre a cidade. As garças dormiam ainda, elegantíssimas, nos ramos das casuarinas. As águas da lagoa brilhavam de torpor. Jesus Cristo flutuava, de costas, iluminado pela luz melancólica dos projetores. Juliana percebeu que não podia contar com ele. O rapaz, ao seu lado, mostrou-lhe um revólver:

— É o seguinte, simpatia, ou você passa a carteira ou mando bala.

Juliana descansou o rosto no volante. Nas últimas doze horas tinha visto muita coisa: meninas arrancadas à feroz inépcia de abortadeiras de favela, uma velhinha estuprada, homens cortados à faca, um jovem com duas balas alojadas na coluna depois de uma briga sem pretexto num botequim. Viveria. Viveria para sempre numa cadeira de rodas.

— E aí, Pretinho? — sussurrou um dos garotos. — Parece que a moça dormiu.

— Qual é, mano! — espantou-se o outro. — Maior falta de respeito. Nunca vi ninguém dormir durante um assalto.

Dormir seria bom. Juliana voltou-se na direção do rapaz:

— Quer saber de uma coisa? Eu sou médica, não tenho medo de morrer. Meu medo é ficar aleijada. Vou agarrar

essa pistola e colocar em cima do meu coração. Então você pode atirar.

Desabotoou a blusa, agarrou na mão do rapaz, espantada com a sua própria firmeza, e colocou o revólver contra o peito.

— Me mata!

O menino olhou-a com susto:

— Mato coisa nenhuma, tia, que é isso?

— Não vai matar?! Então fora do meu carro!...

— Vamos embora, Pretinho — implorou um dos rapazes —, a moça está é muito doida.

Saíram os três. Juliana ficou sozinha. O que é que estava a pensar antes de ser interrompida? Nos dias seguintes só isso a afligia.